



# EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ORIENTAÇÕES E INSPIRAÇÕES AO DOCENTE



Arquivo Histórico da  
Câmara Municipal de Mariana



## **Coordenadora do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (AHCMM):**

Anny Jackeline Torres da Silveira

### **Organização:**

Vittor Policarpo Souza Martins

### **Equipe Técnica:**

Abraão Nascimento de Castro

Ana Paula Saraiva Ferreira

Carla Aparecida Nunes

Helena de Lyra Azoubel

Julia Ferreira Matos

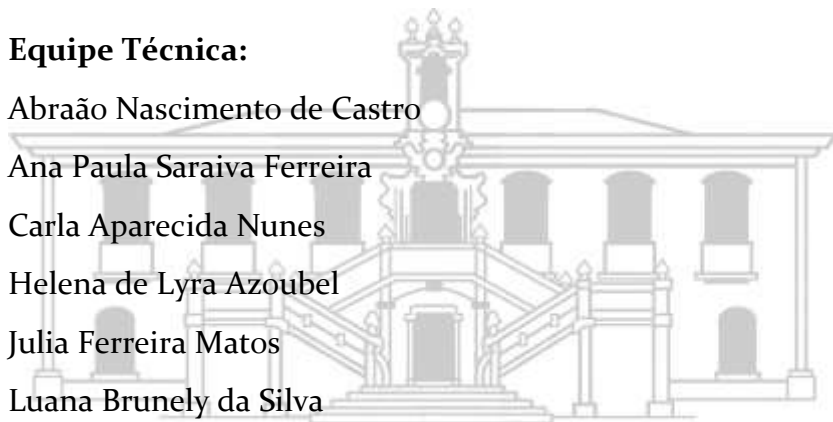
Luana Brunely da Silva

Kassiane Emanuely da Silva

Maria Eduarda Camara

### **Projeto Gráfico e Diagramação:**

Vittor Policarpo Souza Martins





LPH

LABORATÓRIO DE PESQUISA,  
ENSINO E EXTENSÃO EM HISTÓRIA

PROEX

Pró-Reitoria de  
Extensão e Cultura



UFOP

Universidade Federal  
de Ouro Preto

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana —  
AHCM. Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino —  
LPH. Instituto de Ciências Humanas e Sociais — ICHS.  
Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP. Educação  
Patrimonial: orientações e inspirações ao docente.  
Mariana, Minas Gerais, 2021.

1. Educação Patrimonial.
2. Patrimônio Cultural.
3. Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana.
4. Universidade Federal de Ouro Preto.



# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>O Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (AHCMM)</b>	<b>8</b>
<b>Noções de Patrimônio Cultural</b>	<b>10</b>
<b>Noções de Educação Patrimonial</b>	<b>13</b>
<i>Formação Identitária</i>	14
<i>Instrumento de Empoderamento, Cidadania e de Desenvolvimento Socioeconômico</i>	16
<i>Aplicando em Sala de Aula</i>	18
<b>Noções Documentais</b>	<b>21</b>
<i>Fontes Históricas Documentais como Recurso Didático Possível</i>	22
<b>Sugestões de Jogos Didáticos e Atividades</b>	<b>25</b>
<i>Conceitualização das Diversas Formas de Patrimônio na Vida Cotidiana e das Incumbências da Ação Estatal em sua Preservação</i>	25



<i>Reflexões Sobre a História do Trabalho</i>	27
<i>Bibliotecas Vivas</i>	28
<i>Paleografia em Sala de Aula</i>	29
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>33</b>





## Apresentação

*“Destaca-se que, mesmo sendo a escola o lócus e cultura, onde ocorre o processo intencional de ensino na nossa sociedade, os espaços de vivência são, oportuna ou inoportunamente, lugares de saberes e aprendizagens, legitimados ou não pela escola. E que esse acervo adentra os espaços institucionalizados de ensino e aprendizagem, conduzido por todos os seus atores.”<sup>1</sup>*

**C**aro docente, buscamos através deste pequeno módulo didático traçar um diálogo entre as escolas, os espaços de memória e as identidades dos sujeitos envolvidos nos processos de cada contexto social. Pretendemos demonstrar a importância da Educação Patrimonial, em sala de aula, como elemento crucial para a formação de cada estudante. Trataremos aqui da Educação Patrimonial demonstrando os processos formais e informais, subjetivos e coletivos, socialmente e politicamente

---

<sup>1</sup> EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR. 2 IMP. – JOÃO PESSOA: SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NA PARAÍBA, 2011, p.36.



relacionados que, a partir das noções de patrimônio cultural em todas suas interfaces, corroboram para o reconhecimento, valorização e preservação dos bens culturais pertencentes a cada comunidade. Dessa forma, partindo do presente, compreendendo o passado e projetando o futuro de uma maneira crítica e reflexiva, o estudante poderá apropriar-se de seu patrimônio e reconhecer a sua identidade, exercendo, assim, a sua cidadania. Contudo, pensar a Educação Patrimonial, especificamente no ensino de História, significa refletir sobre a dinâmica subjetiva e contínua entre memória, identidade e sujeito. Esse processo, necessariamente, passa pela valorização de saberes e noções construídas por cada estudante a partir de sua própria experiência de vida em comunidade. Portanto, estão entrelaçados o dia a dia e o contexto da escola, ideias de preservação, patrimônio, memória, cultura etc. Este material propõe servir como um esforço de contribuir, mesmo que de forma pequena, para o desenvolvimento do debate sobre a Educação Patrimonial nas modalidades do Ensino Médio e do Ensino de Jovens e



Adultos (EJA). Vale ressaltar que as ideias apresentadas não tem como objetivo esgotar o assunto, e sim fazer um convite ao educador(a) para conhecer, se inspirar e aplicar noções de patrimônio cultural em sala. Tendo em vista o abordado, a partir de cada contexto, os conceitos podem ser aplicados em uma soma de criatividade e liberdade, como um momento único de encontro de saberes e experiências, que vai desde o docente em sala de aula até o estudante em sua comunidade. Propõe-se aqui um trabalho em comunidade que visa a construção de um futuro mais democrático. Como acentua Paulo Freire, a escola realmente democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR. 2 IMP. – JOÃO PESSOA: SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NA PARAÍBA, 2011, P.35.





# O Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (AHCMM)

**D**e início, vale apresentar as instituições envolvidas na elaboração deste módulo didático. O Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (AHCMM) fica localizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão em História (LPH) é depositário do conjunto documental que integra o AHCMM. Temos como objetivo principal construir um espaço de aprendizagem que contempla, para além da pesquisa documental e a aprendizagem arquivística, a pesquisa educacional – que subsidia atividades extensionistas de Educação Patrimonial.

Mas o que faz um arquivo? Os arquivos são responsáveis por recolher, custodiar, preservar e organizar fundos documentais produzidos por uma pessoa ou instituição durante o exercício de suas atividades. O conjunto documental que compõe o AHCMM é o registro de



parcela das atividades administrativas dos poderes públicos municipais desde a criação da Vila do Carmo, em 1711, até inícios da segunda metade do século XX. Os arquivos são importantes para a sociedade e os cidadãos, pois guardam documentos que registram as experiências e vivências de determinada sociedade, servindo como material para a elaboração da história dessa mesma sociedade. Os documentos camarários nos mostram as atividades corriqueiras exercidas pelos administradores e os moradores de uma cidade, e nos falam de como essa população vivia através do seu conteúdo, da forma como eram produzidos, da linguagem e da forma como eram escritos ou impressos. Através deles podemos compreender como chegamos até aqui, o nosso tempo, percebendo como as práticas e os aspectos daquele passado foram sendo alterados até tomarem a forma como os conhecemos hoje. Dessa maneira, o trabalho de um arquivo se torna fundamental para a formação cultural e patrimonial de um indivíduo ou uma comunidade.



## Noções de Patrimônio Cultural

**A**s concepções em torno do conceito de patrimônio assumiram por séculos um caráter marcadamente elitista e excludente. O próprio termo, do modo como foi empregado originalmente, evidenciava um forte exclusivismo semântico, uma vez que deriva de uma palavra de origem latina que se relacionava aos bens (escravos, imóveis, animais, esposa, etc.) do pai (*pater*) da família.<sup>3</sup> Com a ascensão dos Estados Nacionais modernos, vemos o conceito assimilar novas feições, a ideia de patrimônio torna-se uma ferramenta de narrativas históricas e interesses políticos empenhados na delimitação de identidades nacionais. Contudo, essas novas feições não tornaram a ideia de patrimônio menos aristocrática, e em contrapartida, acabaram por reduzir o significado do conceito à espaços

---

3 AQUINO, CRISTIANE V. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA SALA DE AULA: A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA, MUSEU E CIDADE/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N°4, P.25 (25-31), 2014.



privilegiados<sup>4</sup>, nos quais a amálgama popular se via de certo modo isenta e não representada.

No entanto, ao longo do século XX, o conceito passa por um alargamento de seu significado e por uma considerável democratização. Nesse sentido, o processo de construção de identidades (individuais e coletivas) e sua relação com a memória, assume um papel central na definição desse novo significado do conceito de patrimônio. Uma vez que as identidades culturais se constroem coletivamente pela memória e que essa tende a ser marcada mais intensamente por objetos e experiências que nos despertam familiaridade e afeto<sup>5</sup>, o patrimônio de uma comunidade se apresenta como os elementos – sejam eles concretos ou simbólicos – que a constituem, aprazem e inspiram pertencimento aos seus membros.

---

4 BRITO, ANA PAULA F. TOLENTINO, BEZERRA. BRAGA, OLIVEIRA. ROCHA, ANDRADE. ALBUQUERQUE, HADASSA M. MARTINS, JOSÉLIA A. AIRES, JOSILANE MARIA N. SILVA, MARIA O. PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO ELLOS. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N°1, P. 14 (14-18), 2011.

5 COSTA, SABRINA C. O PATRIMÔNIO CULTURA EM SALA DE AULA: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES NOS MUNICÍPIOS PARAENSES. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA, MUSEU E CIDADE/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N°4, P.9 (9-17), 2014.



Com a ampliação das perspectivas conceituais em torno da discussão patrimonial, nos defrontamos com a possibilidade de instigar os estudantes, por meio da apropriação dos patrimônios que lhes dizem respeito, ao protagonismo em suas histórias e à identificação diante dos elementos que as constituem. Dessa forma, essa herança seria concebida não mais de forma indiferente e inerte, mas empática e sobretudo viva. Em paráfrase ao ex-ministro da cultura, Gilberto Gil, Emanuel Oliveira pontua que a noção de “patrimônio” pode ser pensada “além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial.”<sup>6</sup>

---

6 BRAGA, EMANUEL. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CIDADANIA. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N°1, P. 20 (19-21), 2011.



## Noções de Educação Patrimonial

**D**ada a vastidão conceitual que a ideia de patrimônio passa a abarcar, é de suma importância que o conceito de Educação Patrimonial corresponda à sua dimensão social e cultural, de modo descentralizado e abrangente. Pode-se a Educação Patrimonial, enquanto um meio de evidenciar o elo entre aquilo o que somos e o que construímos (e por que não dizer o contrário?), como uma ferramenta de construção e fortalecimento das memórias coletivas para além dos álbuns fotográficos familiares.<sup>7</sup>

Um fator indispensável para definir a Educação Patrimonial e seu papel em âmbito escolar, é o reconhecimento da mesma como meio de desconstrução das concepções de antiquariato e passividade histórica que se atribuem ao conceito de patrimônio.<sup>8</sup> Repensar as tradições

---

7 BRAGA, EMANUEL. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CIDADANIA. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N<sup>o</sup> 1, P. 19 (19-21), 2011.

8 SANTOS, MARIA. MUSEU E EDUCAÇÃO: CONCEITOS E MÉTODOS. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, N<sup>o</sup> 1, P. 24 (23-31), 2011.



e reconstruí-las sob uma análise crítica, é fundamental no processo de construção da cidadania a partir da Educação Patrimonial, sobretudo, ao se considerar um mundo no qual o patrimônio não é apenas adquirido, mas também herdado.<sup>9</sup>

## Formação Identitária

**N**o Brasil, a Educação Patrimonial é uma metodologia recente e pouco aplicada. Segundo uma das instituições precursoras de sua difusão no país, o Museu Imperial<sup>10</sup>, em seu “Guia Básico da Educação Patrimonial”, pode-se definir a Educação Patrimonial como:

*“Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as*

---

9 FREIRE, PAULO. OITAVA CARTA. IDENTIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, Nº1, P. 32 (32-35), 2011.

10 PARRELA, IVANA DENISE. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NOS ARQUIVOS BRASILEIROS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE USO DA METODOLOGIA. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, V. 42, N. 1, 2013.



*evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.*<sup>11</sup>

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de cidadania. A formação da identidade de um sujeito é uma construção subjetiva e extremamente complexa que envolve vários fatores sociais. Dentre as diversas faces da formação identitária, destacaremos aqui o patrimônio cultural e a relação do sujeito com este.

A cultura, na qual cada indivíduo está inserido, corrobora incisivamente para a construção da sua identidade. O sujeito se cria a partir de sua cultura. Assim, a

---

<sup>11</sup> HORTA, MARIA DE LOURDES PARREIRAS; GRUNBERG, EVELINA; MONTEIRO, ADRIANE QUEIROZ. GUIA BÁSICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. BRASÍLIA: IPHAN, 1999.





identidade de um indivíduo não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.<sup>12</sup> Trazemos aqui o patrimônio cultural como algo fundamental para a formação da identidade de um sujeito ou um coletivo, bem como sua noção de pertencimento a estes espaços culturais.

## **Instrumento de Empoderamento, Cidadania e de Desenvolvimento Socioeconômico**

**A**lém da formação identitária, através do processo de Educação Patrimonial, o indivíduo pode, apropriando-se de seu patrimônio, desenvolver noções fundamentais de cidadania, preservação, conservação e também memória. Outro aspecto importante de se ressaltar, é o fato da pluralidade

---

<sup>12</sup> SILVA, TOMAZ TADEU. A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA. IN: SILVA, TOMAZ TADEU (ORG.). IDENTIDADE E DIFERENÇA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS. PETRÓPOLIS: VOZES, 2000. P. 73-102.



cultural está diretamente relacionada ao conceito de identidade. Assim como a cultura, a memória que circunda estes aspectos sociais é tão multifacetada quanto, e ela também é objeto de disputas políticas e de empoderamentos. Ecléa Bosi enfatiza que, interpretado à luz das discussões sobre identidade, pode-se afirmar que as memórias interferem na maneira como o indivíduo se localiza no mundo. Nossa identidade assim se fundamenta nas memórias e estas não se definem apenas pela subjetividade do indivíduo.<sup>13</sup>

Deste modo, fica evidente que trabalhar as noções de patrimônio cultural se torna crucial para a formação de identidade de um indivíduo, independentemente de sua idade, sua formação sociocultural ou seu contexto de vivências. Para tanto, é necessário oferecer instrumentos de reapropriação do indivíduo ao seu patrimônio; não só reapropriação como criação contínua e sistemática, tendo em vista a fluidez que as concepções de memória, identidade, cultura e patrimônio possuem. Trata-se, portanto, de um empoderamento do indivíduo sobre si próprio e seu contexto de inserção.

---

<sup>13</sup> BOSI, ECLÉA. MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS. TA, 1979.



## Aplicando em Sala de Aula

**R**efletidas as questões no que tange as temáticas de patrimônio, Educação Patrimonial, memória e formação identitária, abriremos o leque para a seguinte questão: como e onde articular tais conceitos? Esta pergunta não possui uma única resposta e o nosso objetivo, como já citado, não é o de esgotar todas as temáticas e sim trazer a você, educador(a), uma inspiração para aplicar a metodologia da Educação Patrimonial em seu contexto.

Os espaços convencionais que promovem a Educação Patrimonial são os denominados “espaços de memória”, como arquivos, museus e bibliotecas. Contudo, a formação patrimonial não se limita somente a estes espaços, tal se atrela a diversos aspectos cotidianos. Na rua, na casa, no bairro, na natureza, na internet, nos meios artísticos como músicas e danças, dentre outros, também ocorre um processo consistente e importante de Educação Patrimonial; e a escola também faz parte desses espaços de formação cultural e, talvez, um dos mais importantes destes. Contudo, trabalhar noções de patrimônio cultural e estender a sala de



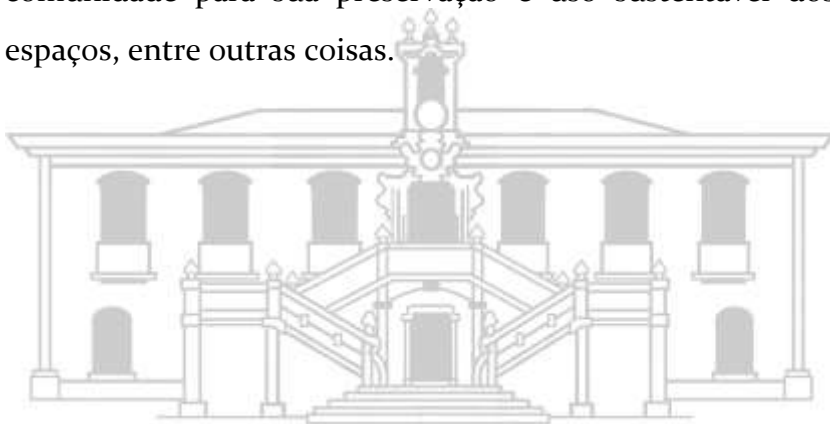
aula até o contexto único de cada estudante torna-se fundamental para o processo educativo. Trata-se de trabalhar em comunidade o espaço da escola com a concepção subjetiva individual de cada discente; a escola como um meio de aproximar o sujeito ao seu patrimônio e, por sua vez, aproximá-lo também à própria escola, tendo em vista que esta instituição também é um patrimônio cultural.

Diante tais apontamentos, ao entender o valor do patrimônio cultural que o cerca, o educando contribui para que este espaço se conecte e se reconheça a sua identidade, exercendo assim sua cidadania, por isso é importante realizar práticas pedagógicas de Educação Patrimonial. São a partir dessas práticas educacionais que os educadores devem discutir sobre novos temas, novas fontes documentais referentes ao patrimônio cultural e sobre o planejamento de atividades diversificadas que possam instigar os educandos a redescobrir suas histórias e memórias coletivas e individuais.

Deste modo, as ações pedagógicas sobre o patrimônio cultural desenvolvidas no ambiente escolar, possui tamanha



importância para o contexto de transformação social, em que deve ser construído o sentido no educando como um ser ativo no processo de construção do espaço. Para tal resultado, é necessário executar metodologias que valorizem a memória, a percepção e a criticidade do aluno, para que esse se transforme num cidadão comprometido com a comunidade para sua preservação e uso sustentável dos espaços, entre outras coisas.





## Noções Documentais

**R**esponder a pergunta sobre o que são documentos é uma tarefa difícil. Mas dizer sobre a história da própria palavra seja um exercício fundamental. Assim como discorrer das formas de registro de informações, as compreensões do que são documentos mudaram no decorrer do tempo.

Durante o fim do século XIX, na Europa Ocidental, acompanhando inclusive o início do desenvolvimento da História como disciplina, o documento era entendido quase que completamente como um material escrito capaz de validar a história como uma ciência, que teria a função de apresentar o passado como ele realmente foi. Neste momento, o documento, portanto, tinha o significado de “prova” e, para a história, só o documentado era realmente relevante.

Posteriormente, um conceito de documento mais amplo ganhou espaço. Nele, tudo aquilo que funciona como vestígio (ou “pista”) de passados independente do suporte – escrito, oralidade, vídeo etc. – é considerado documento.



Dito de maneira simples, o documento deixa de ter como significado um escrito que serve a validação científica da História – já que possibilitaria contar a verdade dos fatos; como a realidade do passado – e passa a ser compreendido como qualquer tipo de material em qualquer suporte que contenha em si uma informação.

Portanto, os documentos podem e devem ser entendidos como parte importante de nosso patrimônio material e imaterial. Ricos em informações variadas, os documentos não podem ser entendidos como porta vozes de uma verdade absoluta e sim como fontes que devem ser o tempo todo questionadas e pontos de partida de reflexões críticas.

## **Fontes Históricas Documentais como Recurso Didático Possível**

**P**romover o interesse e motivação de uma turma em aula é uma das maiores questões do exercício docente. As formas de escrita e a tinta de uma carta, um processo criminal ou um testamento do século XVIII,



podem ser, se bem apresentados, importantes recursos didáticos para cativar atenção. O uso de fontes documentais históricas permite a construção de aulas mais dinâmicas que rompam com os padrões tradicionais de práticas de ensino que fazem com que a História, por exemplo, seja descrita como “decoreba”.

Em um primeiro contato, é importante que o documento seja de fácil leitura e não muito extenso para que a turma não acabe se afastando pela leitura parecer tarefa impossível. Neste momento, a prática paleográfica crítica pode ser fundamental, pois é a partir dela que se torna possível compreender o conteúdo do documento em si. Um exercício importante e válido seja o dividir a turma em grupos e propor que tentem ler o que está escrito. Assim, o trabalho conjunto é estimulado.

Direcionar a turma para uma reflexão crítica sobre o documento é fundamental. Trabalhar fontes documentais em sala significa considerar uma ampla gama de questões. À título de exemplo: “Como o conteúdo deste documento pode ser apropriado pela turma?”, “Qual tipo de significado pode





ser atribuído a ele?”, “Qual história pode ser contada a partir dele?” etc. A escolha de um documento, assim como o currículo ou Projeto Político Pedagógico ou a lógica de exposição de peças em museus, é política, e não aleatória. Aqui se põe a dinâmica entre memória, sujeito e identidade, cultura e pertencimento.

Dessa forma, é importante que o documento se aproxime de alguma maneira da vivência do estudante. Pode-se usar, por exemplo, um jornal antigo da cidade – como é o caso de “O Arquidiocesano”, em Mariana, para dizer sobre a produção de narrativas nos canais de comunicação. Um documento que diga sobre o bairro onde a escola está ou onde a maior parte das e dos estudantes moram também pode ser interessante para trabalhar uma compreensão crítica do lugar; as formas como nos relacionamos e significamos diferentes lugares.



# Sugestões de Jogos Didáticos e Atividades

**A**nossa proposta é desenvolver atividades no âmbito da Educação Patrimonial para as turmas do Ensino Médio e do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), com teor elucidativo. A repetição da atividade em diferentes anos escolares pode permitir que os professores observem as diferenças de ideias entre as diversas idades, contextos socioeconômicos, étnicos e culturais dos alunos.

## Conceitualização das Diversas Formas de Patrimônio na Vida Cotidiana e das Incumbências da Ação Estatal em sua Preservação

A imagem abaixo mostra uma pichação localizada na rua Dom João V, no bairro São José, em Mariana. Já o trecho citado foi retirado do caderno temático “Educação Patrimonial: Orientações ao Professor” organizado e publicado pelo IPHAN. A partir da imagem, seu contexto e



do trecho abaixo, proponha uma discussão em sala sobre a pluralidade do conceito de patrimônio e sobre o papel do Estado na preservação do mesmo.

“O sentimento de pertencer ao bairro, geralmente, vem em primeiro lugar do que o sentimento de pertencer à cidade que, por sua vez, é mais intenso que o sentimento de pertencer a uma nação.”<sup>14</sup>

Foto: pichação com o escrito: “A cidade é da humanidade, mas não da comunidade.”



<sup>14</sup> BRITO, ANA PAULA F. TOLENTINO, BEZERRA. BRAGA, OLIVEIRA. ROCHA, ANDRADE. ALBUQUERQUE, HADASSA M. MARTINS, JOSÉLIA A. AIRES, JOSILANE MARIA N. SILVA, MARIA O. PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO ELOS. IN: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR/INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), JOÃO PESSOA, VOL 1, Nº1, P. 15 (14-18), 2011.





Disponível em:

<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/8994/jornal-do-metalurgico-1978-0002.pdf?sequence=2&isAllowed=y>

## Bibliotecas Vivas

O docente organiza a turma em pequenos grupos e cada grupo ficará responsável em trazer uma pessoa de referência na vida do bairro ou da cidade, seja na música, na dança, culinária, ofícios, lideranças, contador de histórias, morador mais antigo, etc. para ser entrevistado pela turma. As entrevistas poderão ocorrer na escola ou ainda em local



indicado pela pessoa convidada, seguindo as restrições impostas pela pandemia. O docente poderá ainda sugerir que os estudantes entrevistem parentes ou pessoas na rua onde moram, ou bairro ou ainda a rua ou bairro da escola para reunir histórias referentes às memórias das pessoas ou lugares. A partir da articulação dessas diferentes narrativas históricas, propõe-se promover a apropriação do patrimônio pelo indivíduo a partir da construção de novas memórias coletivas. Sugere-se também, com o apoio se possível dos pais, levar tais entrevistas e documentações para as redes sociais, a fim de incentivar mais pessoas a fazerem o mesmo, bem como expor os patrimônios coletados pelos estudantes.

## **Paleografia em Sala de Aula**

O exercício paleográfico se apresenta aqui como uma tentativa de aproximar os estudantes das fontes documentais que corroboram para a elaboração de novas narrativas históricas. Propõe-se, portanto, oferecer uma possibilidade de contato com as narrativas históricas para além do livro didático, entendendo este como apenas uma



das narrativas históricas. Vale ressaltar a importância de atividades complementares como visitas a arquivos, museus e bibliotecas, além do uso de ferramentas auxiliares como materiais audiovisuais. A proposta não é uma crítica ou desconstrução completa do conhecimento que o livro dispõe, mas sim uma possibilidade nova de contato com outras fontes, de mostrar aos alunos que os horizontes do seu mundo não têm limites para se expandir. Tendo em vista a persistência entre a separação concreta entre o historiador e o professor de história, que o primeiro consulta as fontes e o segundo consulta o material produzido pelo primeiro, buscamos também, através desta dinâmica, mostrar que o professor de história também produz história através do contato com as fontes documentais. A interdisciplinaridade em conjunto com o trabalho em comunidade aqui explorado mostra-se como uma possibilidade de encurtar a distância entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A paleografia surge como um contraponto ao ensino tradicional. A partir da escolha de algum documento histórico disponível em acervos digitais, levar este documento até os estudantes e



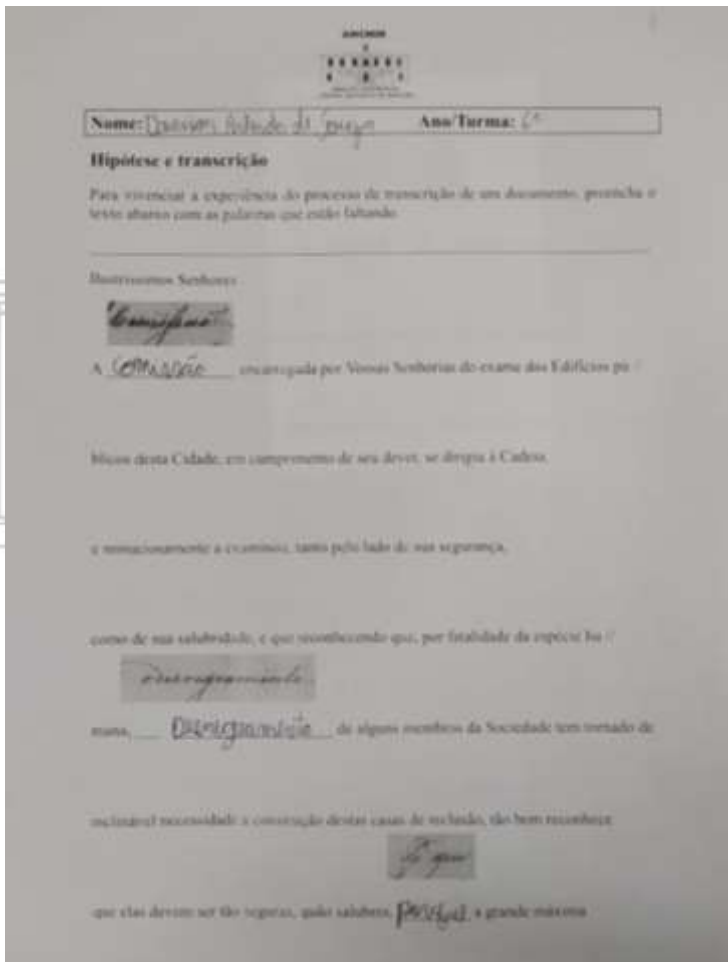
pedir a eles que tentem, em grupo, decifrar o que está escrito. Sugere-se a escolha de documentos famosos e de fácil leitura, tendo em vista a dificuldade encontrada no exercício paleográfico. Pode-se também sugerir aos estudantes que, em suas casas, procurem por cartas e documentos escritos antigos de seus antepassados e façam a transcrição de tais documentos. Dessa forma, o estudante terá a experiência de uma produção de fontes históricas primárias e trabalhará noções de patrimônio, conservação e restauração, a partir da Educação Patrimonial.

Segue abaixo um exemplo desta atividade que ocorreu durante uma visita de uma escola municipal ao Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. É interessante analisar como cada indivíduo, no exercício paleográfico, vai interpretar o contexto de acordo a sua própria subjetividade e, dessa forma, também criar uma narrativa histórica.





Foto: Atividade proposta em uma visita ao AHCMM que mostra o uso da paleografia como forma de aproximação entre o estudante e a fonte documental.





## Referências Bibliográficas:

**ARANTES**, Antônio Augusto. Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

**BARBOSA**, Nila Rodrigues. O não-lugar do negro no acervo museológico: problemas e perspectivas. Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, p. 277-293, 2010.

**BARRETO**, Euder Arrais et al. Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 2008.

**BOSI**, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. TA, 1979

**BRAMBATTI**, Luiz Ernesto. O turismo como mercadoria no capitalismo avançado: uma análise conceitual. 2011.

**FIUZA**, Wagner Henrique Neres. Pandemônio: o arquivo em sala de aula. Fundação Araucária. Universidade do Centro-Oeste – UNICENTRO. 2012.



**FRATINI, Renata.** Educação Patrimonial em arquivos. *Histórica–Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 34, 2009.

**GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz.** Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial. IPHAN, 2007.

**HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz.** Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Iphan, 1999.

**KOYAMA, Adriana Carvalho.** Educação Patrimonial em arquivos on-line: narrativas em rede e seus tecidos. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 20, n. 1, p. 7-17, 2012.

**MOURA, Fernandp.** Educação Patrimonial: orientações ao professor. 2 imp. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011. 65 p. : il. color. 30 cm. – (Caderno temático; 1)

**PARRELA, Ivana Denise.** Educação Patrimonial nos arquivos brasileiros: algumas experiências e perspectivas de uso da metodologia. *Ciência da Informação*, v. 42, n. 1, 2013.



**PINHEIRO**, Adson Rodrigo S. Cadernos do patrimônio cultural: Educação Patrimonial. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

**SOEIRO**, Renato de Azevedo Duarte et al. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 1, n. 4/6, 1973.

**TOLENTINO**, Átila Bezerra. Educação Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. – João Pessoa: Iphan, 2014. 116 p.: il.; 30 cm. – (Caderno Temático; 4)

**VELOSO**, Mariza. O fetiche do patrimônio. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 4, n. 1, p. 437-454, 2009.